

AS BRUXAS NO *MALLEUS MALEFICARUM*: CARACTERES, PRÁTICAS E PODERES DEMONÍACOS

Geysa Novais Viana

Pós-graduanda em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

E-mail: geysa_nv@yahoo.com.br

Palavras-chave: Bruxaria. Misoginia. Tratados Deomonológicos.

Feitiçaria, bruxaria e outras designações para as práticas de magia povoaram o horizonte mental dos homens da Europa cristã do Ocidente desde a Idade Média até o final da modernidade. No princípio, a Igreja identificava as práticas mágicas como ilusões e prestígios diabólicos e negava a possibilidade de vãos, metamorfoses e malefícios; mas, ao longo do período medieval, como salienta Nogueira (1995, p. 12), os clérigos, na condição de “guardiões do sagrado”, reivindicando-se os únicos mediadores entre a realidade e o sobrenatural, se imbuíram da tarefa de manipular e traduzir o imaginário extremamente rico, na tentativa de uniformizar e aquietar as consciências.

Ainda nos séculos IX e XI os escritos eclesiásticos se caracterizaram pela efetiva negação da possibilidade de existirem atividades concretas e “diabolizantes”. Nos séculos XII ao XIII se iniciaram as sistematizações doutrinárias e a homogeneização das crenças e procedimentos em relação às práticas mágicas. Já nos séculos XIV e XV, as autoridades eclesiásticas estabeleceram a realidade e a completa “diabolicidade” das práticas mágicas. O processo de construção e sistematização da imagem da bruxa originou-se, como ressalta Nogueira (1995, p. 19), de três fatores: a elaboração clerical da demonologia, a diabolização da mulher e o pânico instaurado, desde o final da Idade Média, diante da ameaça do poder de Satã e de um apocalipse eminente. No alvorecer dos tempos modernos, a cristandade latina se viu alarmada por incontroláveis “epidemias de bruxaria”.

Aos poucos a magia se apartou radicalmente das pequenas práticas mágicas individuais, tornando-se um aprendizado e uma ciência de difícil aprendizagem e de rígidos princípios, cujo acesso era vetado ao vulgo. Odiados e temidos, os bruxos e bruxas não perderam o prestígio conferido pela antiguidade da cultura, sendo considerados “sábios demoníacos”, mas sábios.

Os inquisidores Kramer e Sprenger (2004, p. 166), autores do *Malleus Maleficarum*, ao compararem os “crimes” realizados por bruxas com os pecados cometidos por Adão e pelo Primeiro Anjo, afirmam que as bruxas seriam maiores pecadoras, pois elas tinham o poder de destruir almas e provocar toda sorte de efeitos sobre as pessoas e animais. Segundo os autores, elas não se satisfazem com seus próprios pecados e, com suas perdições, arrastam consigo muitos e muitos inocentes.

Para os inquisidores do século XV, todas as bruxas faziam um pacto com o Diabo, por meio do qual renunciavam à fé católica. Elas se uniam aos demônios em sabats, orgias e rituais de violação dos símbolos da fé cristã. Seres demoníacos eram invocados em orações que misturavam frases cristãs com palavras e gestos profanos. De acordo com Kramer e Sprenger (2004, p. 214-220), as bruxas proferiam seus sacrilégios mediante pacto explícito de fidelidade, configurado na cópula carnal com os demônios. O juramento sacrílego poderia ser feito em cerimônia solene ou em qualquer hora e em sigilo. Em troca da sua alma, as bruxas adquiriam poderes que eram utilizados para provocar males temporais.

Para Kramer e Sprenger (2004, p. 77) todas as bruxas dedicavam-se de corpo e alma à prática do mal. As supostas bruxas eram identificadas por um conjunto de características físicas e comportamentais e acusadas de entregarem-se, frequentemente, a toda sorte de atos carnavais com íncubo e súcubos. As crianças cujas mães, por causa de algum distúrbio passional ou mental, ofereciam o filho, irrefletidamente, desde o útero, ao Diabo, eram sempre, até o fim de suas vidas, predispostas à perpetração da bruxaria. Em geral, todas as crianças não batizadas estavam em risco, pois as bruxas as devoravam ou ofereciam ao Diabo.

O matrimônio, como um sacramento divino, despertava ódio nas bruxas, que, com o auxílio dos demônios, procuravam diversas formas de desfazê-lo: fomentavam no pensamento dos homens a paixão desregrada; obstruíam sua força geradora, impedindo que eles fecundassem suas esposas, mas não outras mulheres; removiam-lhes o membro viril; destruíam a força geradora das mulheres, impedindo a geração da prole; provocavam abortos.

Os feitiços das bruxas provocavam o *Philocaption*, ou amor desmedido de uma pessoa por outra. Os homens, tentados por sua própria concupiscência, eram por ela carregados e seduzidos. De acordo com Kramer e Sprenger (2004, p. 333-335), esse amor poderia ser curado de várias formas: casando-se com a amada, se assim fosse possível; afastando-se dela; se empenhando em trabalhos árduos ou na proteção de algo valioso. Mas a principal forma de quebrar esse feitiço era por meio do exorcismo e do uso de palavras sagradas. O dito sobre o amor desregrado também valia para o ódio insano, pois a mesma disciplina é benéfica contra esses dois pólos opostos.

Para Kramer e Sprenger (2004, p. 294), as bruxas matavam animais e destruíam plantações. Eram capazes de enfeitiçar animais e homens apenas com um toque de mãos ou com o olhar. Elas também recorriam a feitiços ou amuletos, que eram colocados sempre em lugares discretos ou escondidos. Acreditava-se que, por meio delas, os demônios seriam capazes de provocar raios, tempestades comuns e de granizo; trazer a infertilidade aos animais, bem como aos seus donos; envenenar rios e poços; destruir lavouras com o uso de lagartas daninhas ou enormes nuvens de gafanhotos. As bruxas tinham poder de se transformar em animais, como cachorro, gato, lobo e serpente, e de transformar homens em feras. Para Kramer e Sprenger (2004, p. 274), todas as enfermidades do corpo, até mesmo a lepra ou a epilepsia, poderiam ser causadas pelas bruxas. Elas também utilizavam ervas que poderiam deixar os homens alegres, tristes, tontos ou loucos. Com o auxílio diabólico, elas podiam, pois, prejudicar os homens de todas as formas imagináveis, desgraçando-os em seus ofícios, em sua reputação, em seu corpo, em sua razão e em suas vidas.

Eram muitas as bruxas que sempre estavam prontas para desenfeitiçar as pessoas. De acordo com sua capacidade de intervenção curativa, as bruxas foram divididas, por Kramer e Sprenger (2004, p. 195), em três categorias: as que curam e injuriam; as que injuriam, mas não curam; e as que eram capazes de curar tão somente. Ao bom cristão convinha não recorrer a nenhuma delas, pois somente Deus podia efetuar milagres. Os remédios lícitos eram os fabricados por mãos humanas, sem recurso à magia, e os oferecidos pela Igreja, como os exorcismos, as orações dos santos e o sacramento da penitência. Caso estes remédios não fossem encontrados ou não fossem eficazes, melhor seria morrer que permitir a cura por meio de encantamentos de bruxas. Aqueles que se consultassem com as bruxas com essa finalidade seriam considerados difamadores e deveriam ser punidos com a pena capital, pois todas as obras maravilhosas do Anticristo e das bruxas eram consideradas prodígios enganadores ou falsos, cuja finalidade era enganar. Quando um desses crimes manifestos ficava sem punição, Deus era ofendido e a Fé Católica detratada.

Os demônios eram atraídos pelas bruxas por diferentes tipos de pedras, de ervas, de árvores, de animais, de canções e de instrumentos musicais, como se tais objetos lhes fossem exibidos em sinal de honra. Feitiços eram praticados com objetos sagrados, como hóstias, imagens de cera ou substâncias aromáticas guardadas sob a toalha do altar. As bruxas batiam no crucifixo ou o apunhalava e pronunciavam as piores palavras contra a pureza da “Gloriosíssima Virgem Maria”.

Certas mulheres perversas, pervertidas por Satanás e seduzidas pelas ilusões e pelos fantasmas diabólicos, eram transportadas de um lugar para outro em animais – que não eram,

de fato, animais, mas demônios transmutados em animais. Havia dias em que as bruxas se mostravam mais propensas ao prazer e se deslocavam dessa forma aos sabats. Isso ocorria, segundo os padres, nos dias sagrados do ano, como Natal, Páscoa, Pentecostes e outros dias santos. Assim elas procediam para melhor ofender o Criador e para não se impregnarem da Fé Cristã; porque maior poder nocivo lhes seria concedido, inclusive o de causar o mal a homens inocentes; e porque, do alto, tinham maior oportunidade de observar pessoas, sobretudo as jovens, que, nos dias de festas, estavam na ociosidade e cheias de curiosidades e, por isso, mais sujeitas às tentações.

As mulheres perversas eram dominadas especialmente por três pecados: a infidelidade, a ambição e a luxúria. Dentre as mulheres ambiciosas, as mais profundamente contaminadas eram as que mais ardentemente tentavam saciar a sua lascívia obscena: as adúlteras, as fornicadoras e as concubinas dos poderosos. Porque, além de entregarem suas almas bruxas, tentavam subverter os inocentes de três formas: por meio da fadiga, do cansaço, ou fazendo-os sofrerem grandes perdas em seus bens.

Assim, em um discurso que iria se proliferar por toda a Europa Ocidental no período moderno, as bruxas foram consideradas culpadas de inúmeros crimes. Em 1580, Jean Bodin (apud CARO BAROJA, s.d, p. 163-164) enumerava alguns desses delitos: renegar a Deus, amaldiçoá-lo e blasfemar; prestar homenagem ao Demônio, adorá-lo e fazer sacrifícios em sua honra; consagrar-lhes os seus filhos; jurar pelo nome do Diabo, para o honrar; matar seus semelhantes e mesmo criancinhas, por meio de venenos e sortilégios; comer carne ou beber sangue humano, desenterrando os mortos; fazer perecer os rebanhos; provocar a esterilidade nos campos e a fome; unir-se carnalmente com o Demônio.

As bruxas não bastavam as penas da excomunhão, deposição, confisco de bens, porque elas não eram simples hereges. Consideradas apóstatas por suas palavras e atos e devido às injúrias temporais que causam aos homens e aos animais, era preciso que sofressem a penalidade extrema. Os seus crimes interessavam à justiça civil e à justiça eclesiástica. Cabia aos juízes de ambas as cortes julgá-las, sentenciá-las e puni-las.

Submetidas a julgamento, algumas mulheres resistiam às primeiras torturas, talvez pela crença na justiça divina; mas tal “força” poderia ser também interpretada como prova da ação das forças malignas. Segundo Kramer e Sprenger (2004, p. 504) as bruxas, com a interveniência do Diabo, faziam a bruxaria da taciturnidade, pela qual se tornavam insensíveis à dor e possuíam uma rápida recuperação das forças após a tortura. Os poderes das bruxas assustavam os inquisidores, que em alguns relatos descrevem o temor que tinham destes seres bestiais. Na tentativa de eliminar ou minimizar esse temor, Kramer e Sprenger (2004, p. 199)

são incisivos em afirmar que as próprias bruxas, em confissão, admitem a perda de todos os poderes pelo simples fato de serem levadas pelos oficiais da justiça. E, para evitar qualquer tentativa das bruxas de enfeitiçar os juízes, aconselham algumas medidas de efeito purificador, como espargir a água benta, acender uma vela benta, espargir cera das velas ou queimar ervas consagradas.

Sobre a possibilidade da dúvida acerca da culpabilidade das acusadas de bruxaria, Kramer e Sprenger (2004, p. 277) afirmam: “não é de nosso conhecimento que alguma pessoa inocente já tenha sido punida por mera suspeita de bruxaria: Deus nunca há de permitir que isso aconteça”.

Ao final do julgamento, as bruxas que confessavam seus crimes eram frequentemente tentadas a se enforcar. O Diabo as levava ao suicídio e retirava, das que o traíram, a proteção que até então lhes havia dispensado. O Diabo poderia mesmo causar a morte de bruxas à beira da conversão e protegia até da morte natural as que ele sabia serem suas agentes voluntárias. O Diabo exigia das bruxas a fidelidade, motivado pelo desejo de causar maior ofensa à Majestade Divina ou de usurpar-lhe uma criatura que a Ele era devotada. Mas todas as suas ações só eram possíveis com a permissão de Deus, pois todas as coisas estavam subordinadas à providência Divina. Segundo Kramer e Sprenger (2004, p. 136), só com a permissão de Deus os demônios poderiam, por meio das bruxas, infligir males aos homens, aos animais e aos frutos da terra. Além disso, mesmo de posse de tão grandes poderes, as bruxas não ficavam ricas, porque os demônios gostavam de mostrar o seu desprezo pelo Criador, comprando-as pelo mais baixo preço.

Para Kramer e Sprenger (2004, p. 216), as mulheres eram com maior freqüência entregue às práticas mágicas por serem mais fracas na mente e no corpo. Segundo os inquisidores, a mulher era mais amarga que a morte, pois a morte corpórea era um inimigo terrível e visível, enquanto a mulher era inimigo secreto e enganador. Suas mãos eram como algemas para prender: quando botava as mãos numa criatura, conseguia enfeitiçá-la com o auxílio do diabo.

Fray Martín de Castañega (1529) em seu *Tratado sobre superstições e feitiçarias*, enumera as razões da existência de um número maior de mulheres entre os agentes diabólicos:

Primeiramente, porque Cristo as afastou da administração de seus sacramentos, por isto o Demônio lhes dá esta autoridade, mais a elas que a eles (os homens) na administração de seus ‘execramentos’. Em segundo porque mais rapidamente são enganadas pelo Demônio, como parece pela primeira que foi enganada, a quem o Demônio teve recurso primeiro que ao varão. Em terceiro, porque são mais curiosas em sabedoria e em

esquadrinhar as coisas ocultas e desejar ser singulares no saber, como se negasse a sua natureza. Em quarto, porque são mais faladeiras que os homens e não guardam tanto segredo, ensinando assim, umas às outras, o que não fazem tanto os homens. Em quinto, porque são mais sujeitas à ira e mais vingativas, como tem menos força para se vingar de algumas pessoas contra as quais têm ressentimentos, procuram e pedem vingança e favor ao Demônio (CASTAÑEGA, 1529 apud NOGUEIRA, 1995, p. 101).

Assim, uma desconfiança ou conduta que desagradasse ao esposo ou vizinhos poderia ser causa da “desgraça” de uma mulher, pois as denúncias contra as mulheres, segundo Kramer e Sprenger, nunca deveriam ser descartadas. O marido devia desconfiar da esposa, pois se esta não caminhasse sob seu comando, o envergonharia diante dos inimigos. Como salienta Delumeau (1989, p. 326), sob a ótica eclesiástica, as mulheres trazem perturbações para a vida da Igreja. Filha mais velha de Satã, ela é um “abismo” de perdição. Por natureza ela tem uma fé mais fraca. A palavra feminina vem de Fé e *minus*, pois a mulher sempre tem e conserva menos fé. As possibilidades de intervenção divina em favor da mulher destinavam-se apenas às que viviam em castidade. Os casos de exorcismos e bênçãos miraculosas têm por únicas beneficiárias as donzelas, virgens e castas.

Os discursos da ciência médica reafirmaram a suposta inferioridade das mulheres. Quando menstruadas as mulheres eram proibidas de comungar e até de entrar na Igreja e, para os médicos da Renascença, a mulher é um macho mutilado imperfeito (DELUMEAU, 1989, p. 331-333). Do ponto de vista jurídico, ainda na Idade Moderna o “segundo sexo” é considerado uma categoria inferior. Delumeau (1989, p. 337) relata que os homens eram aconselhados a punir as mulheres de forma mais branda, visto que elas possuem certo grau de razão, não são totalmente animais brutos. Tão dependentes e incapazes de viver sozinhas, as mulheres na opinião dos clérigos precisam de um homem para governá-la. Com esta opinião concorda Rabelais, para quem a mulher não foi criada apenas para a perpetuação da espécie, mas para “social deleite do homem, consolo doméstico e a manutenção da casa”. Henrique VI se mostrou favorável a essa premissa ao declarar: “o macho é mais digno, excelente e perfeito que a fêmea”, a qual “é como a imperfeição, quando não se pode fazer melhor”.

Fiel à “crença” na “bestialidade feminina”, proliferou, durante a Idade Moderna, uma produção literária freqüentemente hostil à mulher. A cada dez provérbios franceses dos séculos XV-XVII relativos à mulher, sete em média lhes são hostis, e os defeitos femininos são justificados nas coletâneas de ditados, como destaca Delumeau (1989, p. 343-344): “Quem se casa está mal da cabeça”; “Mulher ri quando pode e chora quando quer”; “Mulheres são anjos na igreja, diabos em casa e macacos na cama”; “O cérebro da mulher é

feito de óleo de macaco e de queijo de raposa”; “Luto de mulher morta dura até a porta”; “Deus ama o homem quando lhe tira a mulher com quem já não sabe mais o que fazer”.

Deste modo, diante de tantos argumentos acerca da suposta inferioridade natural da mulher, não foi difícil para o homem do final de Idade Média e início da Idade Moderna relacionar os seus males a forças subumanas e “criar” a imagem da bruxa, descrita com clareza por Kramer e Sprenger no seu *Malleus Maleficarum*. Ao associar os males causados pelas bruxas aos poderes e ações do diabo, os inquisidores e padres que viveram neste período contribuíram para difundir a idéia de uma epidemia de bruxaria e de um inexorável avanço das forças malignas, que tinha nas mulheres um dos seus mais atuantes agentes, e que era preciso denunciar e combater.

Referências

CARO BAROJA, J. *As bruxas e o seu mundo*. Lisboa: Beja, s.d.

DELUMEU, J. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das letras, 1989.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *Malleus Maleficarum: O Martelo das Feiticeiras*. Rio de Janeiro: Record; Rosa dos Tempos, 2004.

NOGUEIRA, C. R. F. *O nascimento da bruxaria*. São Paulo: Imaginário, 1995.